

ENSINO DE SOCIOLOGIA E A LIBRAS: É POSSÍVEL UMA NEUTRALIDADE DOS PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS?

Ana Célia da Silva (Especialista em Tradução e Interpretação de Libras - UFCA, Técnica em Tradução e Interpretação de Libras – SENAC)
Maria Isabel Dias Correia (Técnica em Secretaria Escolar – FDR; Especialista em Gestão escolar e Coordenação Pedagógica - UCAM)
Francisco Stefeson da Silva (Orientador) (Mestrando – ProfSocio - UFCG Campus SUMÉ/CDSA – PB; Professor de Sociologia da Rede Pública do Estado do Ceará)

E-mail: anreviro2020@gmail.com, mabel.financeira@gmail.com, stefesonsociologo@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A Lei Nº 10.098/2000 determina acessibilidade por meio da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) para pessoas surdas. Alguns setores buscam minimizar a falta de comunicação com a pessoa surda utilizando aplicativos que identificam sinais de sua língua nativa, como é o caso de algumas instituições bancárias, outras contratam Intérpretes de língua de sinais. Nesse contexto, estão geralmente instituições de ensino, seguindo orientações legais. As igrejas, quando oferecem uma comunicação bilíngue dos seus rituais religiosos, convidam Intérpretes, em sua maioria voluntários. Por fim, placas informativas também são encontradas em alguns espaços. A sala de aula é um ambiente favorável a discussão e debates de pensamentos, o aprendizado é a principal característica do espaço escolar, a inclusão, o respeito e a diversidade são essencialmente o ponto de partida para a compreensão e exposição das ideias e teorias que favorecem a possibilidade de colocá-las em prática.

2. METODOLOGIA E DESENVOLVIMENTO

O objetivo desse trabalho é mostrar a importância do Intérprete de Libras como mediador comunicativo e como o ambiente educacional apresenta um universo de possibilidades de pesquisa, partindo da experiência do ensino de sociologia, tentando compreender a neutralidade de valores, ou seja, os elementos morais e valorativos dos agentes envolvidos no processo de ensino e que podem distorcer a interpretação de conceitos e categorias trabalhados em aulas de sociologia. O professor e o intérprete conseguem manter uma neutralidade ao pesquisar, ensinar e interpretar esses elementos?

Utilizando de uma metodologia participativa com ênfase na observação, experiência e vivência em sala de aula com alunos surdos e ouvintes, buscamos compreender através de uma observação participante, como os professores e intérpretes se relacionam, na construção de “intérpretes do saber” e de que forma seus conhecimentos chegam aos alunos surdos sem que as pré-noções e valores de nenhum dos profissionais se sobreponha a teorias, debates e conceitos apresentados.

3. RESULTADOS

As disciplinas exercem um papel determinante na vida dos educandos, e algumas delas tomam para si, a responsabilidade de direcionamento específico de questionamentos e compreensão do mundo. A sociologia assume a missão de “desnaturalizar” e causar “estranhamento” a tudo em sua volta e possibilitar aos alunos a reflexão e análise do mundo, da sua comunidade ou seu grupo familiar.

Durante os debates em sala de aula mistas, com alunos ouvintes e surdos, e com auxílio de intérpretes de libras, percebemos uma necessidade de melhor avaliar os conteúdos e a forma como ensinamos. Para que a inclusão seja eficiente, precisamos questionar nossa postura e métodos de ensinar sociologia. Os debates em aulas de sociologia são sempre inclusivos? A libras abrange todos os significados e símbolos linguísticos para o entendimento dos conceitos sociológicos apresentados? Ao interpretar, é mantida uma neutralidade de valores? São questões que despertam o interesse e a necessidade da pesquisa e estudos sobre a inclusão da pessoa surda e o ensino de sociologia em todas as suas modalidades da educação.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os professores nem sempre estão preparados para realidades desafiadoras, como ministrar aulas para alunos surdos, e a dificuldade aumenta quando não possuem noção de língua de sinais ou auxílio de intérprete. Mesmo com o apoio desse último, ainda se apresenta a necessidade de compreender a língua e algumas simbologias, para que não sejam causados erros de interpretação ou falta de comunicação adequada. Diante desse cenário, ficar “neutro” não condiz com a realidade do ensino de sociologia, pois a mesma deve causar o estranhamento, e, conseqüentemente, possibilitar o desenvolvimento de uma postura crítica e emancipatória. Mas, para que isso aconteça, a inclusão deve ser efetiva e respeitando as particularidades dos alunos, assim como envolvendo toda a comunidade escolar em um mesmo processo de compreensão, inclusão e aprendizado sem distinções.

5. REFERÊNCIAS

ALBINO, L. **10 lições sobre Max Weber**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

LACERDA, C. B. F. **Inclusão Escolar de Alunos Surdos: O que dizem alunos, professores e intérprete sobre essa experiência**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 26, n. 69, p. 163-184, maio/ago. 2006.

WEBER, M. **Max Weber e a sociologia compreensiva**. [Org. da Coletânea: Gabriel Cohn] – São Paulo, Ática, 1979. (Coleção Grandes Cientistas Sociais)